

Representação e representatividade



O cidadão consciente gostaria de estar presente em todos os eventos e reuniões em que se decidam aspectos fundamentais para sua vida, mas como nem sempre isso é possível, elege representantes que têm o poder de defender seus interesses perante os conselhos. Seja em assuntos de ordem política ou da sociedade civil, a definição do representante pode ser realizada por diversas formas e dentre elas por eleição, como no caso de vereadores, aclamação ou indicação.

Independentemente da forma instituída pela organização para escolher o representante de determinada categoria, certo é que ele necessita entender os anseios do setor e a vontade do coletivo. Dotado do poder do voto, é imprescindível que reconheça o valor e o peso dessa atribuição. Ao se pronunciar em nome de uma categoria, deve esquecer seu interesse individual para garantir a soberania da vontade coletiva. E como se faz isso? Consultando seus pares previamente sobre o assunto a ser deliberado e levando a resposta ao dia da votação de determinado assunto e ao término desse processo levar o resultado para os representados, expondo o que foi dito e decidido.

Os representantes dessas categorias consultam suas bases e trazem em cada reunião o ponto de vista das organizações que representam e, para isso, uma qualidade indispensável ao representante é a flexibilidade, ou seja, saber negociar. Sendo assim,

Independentemente da forma instituída pela organização para escolher o representante de determinada categoria, certo é que ele necessita entender os anseios do setor

percebe-se que ao escolher um representante que efetivamente contribua para a organização é preciso observar diversos pontos comportamentais, além de competência na área.

Porém, não só o representante tem responsabilidades no processo. É preciso que os representados também participem, oferecendo subsídios para que o representante possa argumentar frente aos diversos questionamentos. O exercício da representação e representatividade depende de todos, pois é uma via de mão dupla. Em certas ocasiões somos representantes e em outras, os representados. E no processo democrático, as renovações das indicações ocorrem frequentemente, pois o interesse é o da categoria e não do indivíduo que a representa. Será que cumprimos bem esses papéis?

O Comitê Pardo possui três distintos grupos em sua plenária, a saber: usuários da água,

representantes da população e poder público. Os representantes dos usuários garantem os anseios dos produtores rurais, geradores de energia, indústria, abastecimento... Já os representantes da população defendem os pontos de vista das instituições de ensino, dos clubes de serviços comunitários, das associações comunitárias e assim por diante. O exercício mais difícil nessa história toda é, por exemplo, a pessoa que representa a associação comunitária perceber sua função no sistema e agir em defesa do grupo da população, e não somente da sua categoria. O mesmo acontece com os usuários. São três grandes grupos compostos por diversas categorias, mas o interesse maior é o do grupo.

No que se refere ao gerenciamento de recursos hídricos, o Estado do Rio Grande do Sul tem 25 Comitês de Bacias cujo papel é o de mediador de interesses das categorias para que haja garantia de água para todos e sempre objetivando a solução mais satisfatória para o momento. Há 15 anos, com sede em Santa Cruz do Sul, o Comitê Pardo exerce essa função, sempre ouvindo os interesses das diversas categorias através das representações e deliberando em prol do coletivo dos 13 municípios que compõem a Bacia Hidrográfica do Rio Pardo.

Verushka Goldschmidt Xavier
Bióloga, secretária executiva do Comitê Pardo

Livros e erotismo

Não sei se o leitor ou leitora desta crônica tem, como eu, escutado que os livros impressos em papel estão com os dias contados. Ultimamente tenho escutado isso com certa frequência em vários lugares. Um desses lugares, e que me causa ainda mais incômodo, é meu local de trabalho: sou professor. Confesso que quando escuto isso, sinto uma sensação semelhante a de dizer que o erotismo também vai um dia acabar. Sei que esta tese – fim do erotismo – tem, hoje, seus defensores pelo mundo afora. Afinal, como diz uma amiga minha: “tese pode-se ter sobre tudo”.

Perdoem-me os deslumbrados com as novas mídias eletrônicas, mas confesso que sinto um arrepio só de pensar que os moderníssimos e sofisticados tablets eletrônicos, todos iguais, idênticos e extremamente funcionais, podem estar a nos privar do prazer – quase erótico – de tatear, de olhar, de acariciar, de cheirar estes pedaços de papel encadernados e envoltos em belas, coloridas, lisas – ou delicadamente ásperas – e sensuais capas: os livros escritos em papel. Quero, ainda, continuar acreditando que a literatura impressa tem um papel importante como problematizadora, “perigosa” para os regimes ditatoriais que não primam pela liberdade de expressão. Que a literatura seja agitadora de consciências. Enfim, ainda aposto nos livros de papel como mais um importante veículo de vigilância sobre os ditadores de plantão, pois a liberdade é algo muito precioso e por isso precisa ser sempre alimentada, cuidada, assumida e exercitada com a maior radicalidade possível.

Ainda aposto nos livros de papel como mais um importante veículo de vigilância sobre os ditadores de plantão

Quero ainda resistir um pouco mais. Quero ainda me dar o direito a esse prazer único que a leitura, feita nos livros de papel, pode me proporcionar. Uma leitura que vai para além de, simplesmente, decifrar os códigos da escrita. Uma leitura que me produz algo mais do que o acesso a informações. A leitura como um operar humano que deseja mais que aumentar o repertório de informações. A leitura como a possibilidade de saborear, gozar a beleza de uma melodia, a sensação de frescor de uma brisa, o gosto da terra molhada por uma chuva de verão, enfim, a leitura como um caminho imaginário/imaterial feito por meio do suporte físico das páginas de um livro... de papel. Quero curtir um pouco mais este sentimento sensual, erótico e quase insubstituível que o livro pode proporcionar. Tatear, acariciar as folhas de um livro é, para esse tipo antigo de leitor de livros de papel, algo como tatear, acariciar o corpo da pessoa amada no escuro ou em pouca luz. É esse tatear, meio às cegas, que mantém aceso o mistério de ver sem ver, de sentir a carícia sem decifrar completamente a forma do que nos acaricia, de sentir o perfume ou o gosto amargo do suor dos corpos dos amantes numa peleja de amor e de erotismo. Acho que era isto o que eu queria dizer: quero ainda prolongar por mais algum tempo a leitura de livros de papel como um jeito – estranho para alguns – de se erotizar, de amar.

Quero ainda resistir um pouco mais. Quero ainda me dar o direito a esse prazer único que a leitura, feita nos livros de papel, pode me proporcionar. Uma leitura que vai para além de, simplesmente, decifrar os códigos da escrita. Uma leitura que me produz algo mais do que o acesso a informações. A leitura como um operar humano que deseja mais que aumentar o repertório de informações. A leitura como a possibilidade de saborear, gozar a beleza de uma melodia, a sensação de frescor de uma brisa, o gosto da terra molhada por uma chuva de verão, enfim, a leitura como um caminho imaginário/imaterial feito por meio do suporte físico das páginas de um livro... de papel. Quero curtir um pouco mais este sentimento sensual, erótico e quase insubstituível que o livro pode proporcionar. Tatear, acariciar as folhas de um livro é, para esse tipo antigo de leitor de livros de papel, algo como tatear, acariciar o corpo da pessoa amada no escuro ou em pouca luz. É esse tatear, meio às cegas, que mantém aceso o mistério de ver sem ver, de sentir a carícia sem decifrar completamente a forma do que nos acaricia, de sentir o perfume ou o gosto amargo do suor dos corpos dos amantes numa peleja de amor e de erotismo. Acho que era isto o que eu queria dizer: quero ainda prolongar por mais algum tempo a leitura de livros de papel como um jeito – estranho para alguns – de se erotizar, de amar.

Valdo Barcelos Professor e escritor-UFSM



Propriedade da
GAZETA DO SUL S.A.
Fundada em 26/01/1945

CNPJ 95.424.834/0001-30

ANDRÉ LUÍS JUNGBLUT
Diretor Presidente

ROMEU INACIO NEUMANN
Diretor de Conteúdo

PAULO ROBERTO TREIB
Diretor Industrial

RAUL JOSÉ DREYER
Diretor Comercial

JONES ALEI DA SILVA
Diretor Administrativo

MARIA ROSILANE ZOCH ROMERO
Editora-chefe

Gazeta do Sul

Rua Ramiro Barcelos, 1.206 | Fone: 3715-7800 | Fax: 3715-7863
Caixa Postal 118 | CEP 96.810-900 | Fax/Redação: 3715 7944

www.gazetadosul.com.br

Empresa filiada à



direcao@gazetadosul.com.br redacao@gazetadosul.com.br publicidade@gazetadosul.com.br assinaturas@gazetadosul.com.br

Porto Alegre: Grupo de Diários, Rua Garibaldi 659, sala 102, Bairro Floresta CEP 90035050 - Fone/Fax: 3272 9595
e-mail: diarios@grupodediarios.com.br
Site: www.grupodediarios.com.br

Vera Cruz: Rua Martim Francisco, 72 - Fone 3718-1312
Candelária: Rua Gaspar Silveira Martins, 893 - Fone 3743-3662
Venâncio Aires: Júlio de Castilhos, 785 - Fone 3741-2263
Rio Pardo: Rua Andrade Neves, nº 918. Fone 51.3731.1518.
E-mail: casadofogo@casadofogolivriaria.com.br

Gazeta do Sul não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados e não devolve originais, publicados ou não.